

**Pelas imagens e tramas tecnológicas na praça Tahrir:
a “Primavera Árabe” no Egito em 2011**

**Fernanda Ozório da Conceição^I
Gláucia de Oliveira Assis^{II}**

RESUMO– O ciberespaço constitui-se numa comunicação virtual que estabelece conexão entre pessoas e faz circular imagens e ideias, configurando também um espaço de articulação de movimentos em rede - ciberativismo. A partir desta perspectiva, analisaremos as imagens dos levantes que ocorreram na Praça Tahrir e culminaram na queda de Hosni Mubarak, em fevereiro de 2011, pelas novas possibilidades de discursos circularam o mundo a partir da plataforma colaborativa *18daysinEgypt.com*. O ciberespaço é uma construção coletiva de redes de cooperação como meio de interação social e de integração simbólica, inserindo-se num universo transnacional, onde há uma grande circulação de pessoas e bens simbólicos que tensionam as identidades e o sentido de local e global. Os discursos compartilhados nos 18 dias, propõem-se a narrar os acontecimentos, contando a história recente do Egito a partir deste site colaborativo, compreendendo como as narrativas podem tornar-se uma forma de memória contra o esquecimento.

Palavras-chave: *Ciberespaço; Redes de Comunicação; História do Tempo Presente; Revoltas no Egito.*

The images and technological wefts in Tahrir Square: the “Arab Spring” in Egypt in 2011

ABSTRACT–The cyberspace constitutes a virtual communication establishing connection between people and circulates images and ideas, also setting up a space for the articulation of movements in net - cyberactivism. From this perspective, we analyze the images of the riots that took place in Tahrir Square and culminated in the fall of Hosni Mubarak, in February 2011, the new possibilities of discourses circulated the world from the collaborative platform *18daysinEgypt.com*. Cyberspace is a collective construction of networks of cooperation as a means of social interaction and symbolic integration, entering into a transnational world, where there is a large movement of people and goods which tension symbolic identities and sense of local and global. Shared in 18 days, discourses propose to narrate the events, telling the recent history of Egypt from this collaborative site, including how narratives can become a form of memory against forgetting.

Keywords: *Cyberspace; Communication Networks; History of the Present Time; Revolts in Egypt.*

Artigo recebido em 14/02/2014 e aceito em 06/03/2014.

Artigo recebido em 14/02/2014 e aceito em 10/03/2014

Imagens em tensão

Para tecer uma narrativa histórica sobre os conflitos nestes inflados 18 dias, com suas entidades e temporalidades inacabadas, teremos como *lócus* de análise o site colaborativo *18daysinEgypt*^{III}. O momento histórico analisado e designado pela mídia internacional como “Primavera Árabe”^{IV} e, inserido numa conjuntura, os “18 dias no Egito” – de 25 de janeiro a 11 de fevereiro de 2011 –, está permeado por tecnologias digitais que contribuíram para o rearranjo das concepções de tempo e de espaço. Observaremos a polifonia na capital egípcia e a apreensão do espaço real para o virtual focando as multiplicidades dentro da praça Tahrir, no Cairo. A escolha das fontes baseou-se na importância destes agenciadores nos universos em que operam.

Nos protestos na praça Tahrir, intensificaram-se a repressão aos manifestantes, mesmo período em que se constituiu o site colaborativo. Seus organizadores tiveram como objetivo narrar os acontecimentos coletivamente contemplando as diversas vozes que insurgiram contra o regime ditatorial de Hosni Mubarak, no poder desde 1981. As imagens somente existiram porque há um movimento de resistência que intenciona registrar toda esta experiência. As manifestações aconteceram porque puderam contar também com uma plataforma de difusão de informações que tornou-se popular e levou a dimensão da violência para dentro e fora do Egito. As cenas das violências envolvendo manifestantes egípcios foram, de certa forma, construindo as circunstâncias para a intensificação das manifestações. Nas manifestações, as violências continuaram e voltaram-se para as redes, num diálogo entre redes de comunicação virtuais e as ruas, integrando um processo complexo constituinte da dimensão do nosso tempo.

Estas circunstâncias vivenciadas na ditadura e suas repressões, criaram a necessidade de movimentação ágil e barata de comunicação para conseguir informar e multiplicar as capacidades dos manifestantes em denunciar o Estado violento, assim como articular de novas ações. A espetacularização das notícias é um motivo pelo qual egípcios buscaram produzir suas próprias versões sobre os levantes. Num território hipermediado, a disputa por imagens e informações cada vez mais atualizadas e sensacionalistas, produz um contexto no qual a verdade perde espaço para as versões mais sedutoras e emocionantes, dando novas conotações aos acontecimentos.

Nesse sentido, observamos uma organização criativa de conteúdos que transitaram no ciberespaço, que compartilharam imaginações em comum. Manifestantes do Cairo pensaram localmente e agiram globalmente utilizando a Internet: de uma ferramenta de comunicação para uma alavanca de resistência, uma forma de proteção dos manifestantes. São diversos narradores com novas ferramentas para contar o evento, e de novas comunidades imaginadas-virtuais. A partir do conceito de Benedict Anderson^V sobre *comunidades políticas imaginadas*, é possível dizer que, no Egito, criaram-se outras formas de pertencimento político e social à nação, como comunidades imaginadas-virtuais^{VI}, que se ancoraram numa representação de comunidade ressignificada na sociedade transnacional do tempo presente. A comunidade é imaginada porque,

(...) independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível,

FERNANDA OZÓRIO DA CONCEIÇÃO
GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

nesses dois últimos séculos, tantos milhões de pessoas tenham-se não tanto a matar, mas sobretudo, a morrer por essas criações imaginárias limitadas.^{VII}

Os sujeitos e suas imagens-testemunhas do evento no Egito produziram sentidos históricos, inseridos num movimento entre o real e o virtual. Também são a marca do contemporâneo na medida em que criaram comunidades imaginadas-virtuais, e produziram suas revoltas, como uma nação imaginada que se transforma em patrimônio. Como se o Estado ditatorial egípcio deixasse de dividir seu povo, e a própria sociedade promove a partilha do comum que os unem.^{VIII} Há um imenso fluxo de imagens em tensão com a memória coletiva, onde novas vozes com suportes tecnológicos para ‘armazenamento’ de rastros^{IX} podem alcançar mais visibilidade pelas tramas da Internet que possibilitam, ao mesmo tempo, contrapor e partilhar informações ampliando a esfera pública e ações no mundo real.

Há diferentes tipos de redes organizadas coletivamente que são utilizadas como recursos promovidos por sujeitos políticos. Para o propósito aqui investigado, destacam-se as *Redes de Memória Ativa* e as *Redes de Produção de Recursos Comunicativos*. As *Redes de Memória Ativa* “têm como propósito digitalizar documentos de movimentos sociais (...) para armazenamento livre em portais, na rede, a fim de que se tornem acessíveis para outros movimentos sociais e para a sociedade em geral”; As *Redes de Produção* objetivam “aperfeiçoar as habilidades para um uso eficaz das oportunidades de comunicação, auxiliando grupos subordinados e marginalizados a articular, de modo autônomo, seus próprios interesses e suas necessidades”.^X

Esta concepção de autonomia da imagem que se produz na experiência do acontecimento é o que se apreende da interatividade no modo em que estão tramadas no Cairo. As relações entre o ver e o agir, entre as comunidades imaginadas-virtuais e as redes de memória digitais, pode ser compreendido por meio do site colaborativo *18daysinegypt.com*. Construído ao longo das manifestações pela renúncia de Hosni Mubarak, o site torna-se polifônico no sentido de que ainda hoje está sendo alimentado por inúmeras pessoas, mesmo se referindo aos 18 dias. Uma auto representação que elucida os sentidos pelos quais as manifestações continuam por outras questões emergentes “(...) todos os sujeitos políticos lutam por visibilidade política nos campos de batalha das sociedades de massa, lançando mão de diferentes meios de comunicação para atingir seus objetivos”.^{XI} Somente investigando e respeitando suas complexas circunstâncias específicas é que poderemos vislumbrar se as lutas tornar-se-ão ou não protagonistas num cenário global.

O estabelecimento das conexões e interações locais transcenderam as fronteiras do Egito. A tensão existe na ação de mobilizar-se em diferentes níveis e formas de interação, em viver o presente almejando ao futuro.^{XII} Toda a ação é precedida na memória, em nossas experiências, mesmo que, por ventura, acometidos do esquecimento, “*de ruptura, de novedad absoluta*”. Toda a experiência é uma problemática de relacionar-se com a temporalidade: posicionar-se no tempo presente para garantir um devir, para alcançar os efeitos desejados.

As imagens não são objetos isolados e, de forma inevitável, carregam consigo representações de alguns sentidos. Isso acontece pelo trauma do acontecimento, da violência nas revoltas; pela participação representativa de grande parte da sociedade egípcia; pela condição humana: são imagens que trazem ao centro as minorias – mulheres, jovens e crianças. As redes têm proporcionado novas apropriações deste acúmulo de vozes no ciberespaço, e também, desvelam “formas passadas e presentes de

poder que limitam ou restringem as chances de vida dos indivíduos, organizando experiências em narrativas publicamente compreensíveis”.^{XIII}

As experiências e seus narradores

Na ‘experiência’ em Walter Benjamin^{XIV}, interpretada numa época de uma modernidade que se expandia e se encaminhava para grandes guerras, que ele percebeu intimamente e a narrou, pode ser relacionada ao que ele percebeu sobre o desenvolvimento da comunicação. Ainda que Benjamin não tenha se referido aos meios de comunicação propriamente ditos, mas à evolução das formas narrativas na nossa civilização, podemos perceber que a evolução da comunicação integra-se à larga expansão dos meios de comunicação, e atualmente, da experiência compartilha pela Internet.

Assim, a ideia de experiência dos narradores no Egito toma uma dimensão expandida, uma vez que há uma universalidade e necessidades presentes que só podemos interpretar historicamente através da linguagem, por meio de seus discursos e representações. Neste caso, a reprodutibilidade da experiência levada ao extremo no ciberespaço com suas linguagens multimídias que registraram experiências de toda ordem é bastante distante do que aponta Benjamin (1987) sobre o trauma da incomunicabilidade nos soldados do pós-Guerra.

Na busca por reunir as experiências dos 18 dias em narrativas compreensíveis, as experiências de manifestantes intencionaram extrapolar as fronteiras do Egito e circular na rede divulgando os protestos e narrando os acontecimentos na voz dos sujeitos que vivenciaram a experiência. A plataforma *18daysinegypt*^{XV}, traduzida para inglês, tem como seus idealizadores Jiger Mehta^{XVI} – jornalista e documentarista (co-criador); Yasmin Elayat^{XVII} – designer de interação e desenvolvedora de software, formada em Ciências da Computação (co-criadora); Shadi Rahimi^{XVIII} – jornalista e fotógrafa (gerente da comunidade); *Emerge Technology* – empresa especializada na criação do estado da arte digital e soluções de mídia (parceira em tecnologia). Eles procuraram cristalizar as lembranças de suas experiências e registrar suas histórias e de seu país para que ela, a experiência, não se perca. O entendimento da sequência narrativa do *18daysinEgypt*, tornou-se possível porque, entre as fotos e vídeos, os autores narraram os acontecimentos em inglês (alguns vídeos têm legendas), tornando possível contar suas histórias para mais pessoas num mundo globalizado onde o inglês é a língua da Internet. A língua é um dos fatores que limitam a democracia virtual^{XIX}, assim como o conhecimento das linguagens tecnológicas. No *About* do site o grupo esclarece:

For the first time in history, citizens are recording an actual revolution in real time. Throughout the 18 days of the 2011 uprising—in the year since—and now—Egyptians are filming pivotal events on their cell phones, taking pictures, texting, tweeting and facebooking their extraordinary bid for freedom. Now, “18 Days in Egypt”, the collaborative documentary project, aims to capture the **events of the revolution** right here... in an interactive documentary website that everyone **can access now and into the future**. “18 Days in Egypt” is being powered by GroupStream, an innovative new

FERNANDA OZÓRIO DA CONCEIÇÃO
GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

platform for group storytelling. GroupStream believes the best stories are told together. Here, at 18DaysinEgypt.com, you will be able to access stories from the revolution in a whole new way.^{xx}

Os termos usado pelo *18daysinegypt* “eventos da revolução” e “acessar agora e no futuro”, dialogam com a teoria de Reinhardt Kosellecke nos permite percorrer pelas significações atribuídas ao evento do Egito, onde “Presente e passado estariam, assim, circundados por um horizonte histórico comum”.^{xxi} Além deste informativo, o site elaborou um vídeo^{xxii} para convidar as pessoas a relatarem suas histórias numa multiplicidade de linguagens. Além das imagens estarem em movimento, elas vêm acompanhadas de um conjunto de diálogos, música, ruídos da cidade, ou seja, uma hibridização narrativa sobre as manifestações.

Foram selecionadas 14 *frames* do vídeo de convite que narram a proposta do site ao trazer as pessoas que construíram as manifestações. A seleção se deu no sentido de entender quem são estes manifestantes. Visualizaremos as pessoas que ocuparam a praça Tahrir pelo site colaborativo, onde veremos os rostos de homens, mulheres e crianças que estiveram nas manifestações colaborando com um grande volume de informações e imagens coletivas sobre outras narrativas dos 18 dias de revoltas. Observaremos como o *About* se traduziu no vídeo do site *18daysinEgypt*.

O vídeo se divide em algumas questões para dar sentido à narrativa, como: o *lugar* do evento: Eu estava aqui./Eu estava com raiva./Eu marchei aqui;os *sujeitos*: Eu e minha família estivemos aqui. / Eu e minhas crianças estivemos aqui;os *sentimentos*: Eu estava orgulhoso. / Eu estive em Tahrir. / Eu e minha família estivemos aqui e nós ficamos orgulhosos com a juventude egípcia;*ações individuais e coletivas*: Eu estava no Facebook. / Eu estava tirando fotos. / Eu estava *twitando*; *amémoria*: Eu tirei fotos com meu celular para documentar a história. / Sua história é importante. / E agora há um lugar para contá-la. / Você viveu, você gravou, agora vamos escrever a história do nosso país.

Além da narrativa textual, as imagens destas pessoas nos contam um pouco mais da polifonia em Tahrir. São 14 sujeitos diferentes: das mulheres vemos uma senhora mais idosa com lenço encobrindo todo o cabelo; uma mulher que disse ter ido com a família e também usa o véu; outra mulher mais jovem com lenço na cabeça e cabelos à mostra; uma jovem sem lenço e uma menina no colo do pai. Dos homens vemos este pai; quatro jovens que atuaram fazendo fotos e marchando; e mais três homens mais velhos, sendo que um veste um Kipá (que representa a presença constante de Deus), o outro um turbante e os demais vestem roupas mais comuns para nós ocidentais. Foram sujeitos assim, plurais, que ocuparam a praça pelos 18 dias.

Nas comunidades imaginadas-virtuais, a autonomia das imagens está na livre produção e articulação de redes de memórias virtuais organizadas de forma a contar estas próprias histórias. Com seus equipamentos que tem a capacidade de registrar as imagens em movimento, a produção de vídeos vem se tornando mais acessível a pessoas comuns e se expande até o presente, onde vemos ser mais trivial o poder de registro dos acontecimentos e sua disseminação para qualquer ponto do planeta. De acordo com Lucia Santaella “As antigas e nítidas distinções entre produtores e receptores da imagem televisiva começaram a se borrar, pois qualquer pessoa com uma câmera na mão tornou-se potencialmente um produtor”.^{xxiii}

A linguagem videográfica discutida por Santaella teve início a partir das experimentações da vídeo-arte, que tinha como proposta a desconstrução da linguagem

visual, o estranhamento e a ruptura de narratividade. Possivelmente, a proposta da inovação visual não fosse o objetivo dos manifestantes no Egito. Entretanto, a linguagem final da captação de imagens de suas próprias lutas, adicionada aos novos regimes de visualidades do tempo presente - vinculada a um evento crítico transnacional e em hipermídia - coloca em suspensão as imagens dos 18 dias como produções de discursos nômades: linguagens polivalentes de uma contingência temporal desenvolvida na urgência do evento.

A retórica de que a tecnologia é o fator central e não meio de comunicação utilizado nas manifestações, é uma tentativa de homogeneizar a polifonia na praça Tahrir, além de levar representações do que seria um governo democrático a partir de modelos sobre a democracia no Ocidente, ou ‘dar o espelho ao nativo’. Podemos visualizar este discurso na capa da Revista *The Economist*: A marcha de protesto^{XXIV}.

Ela traz como pano de fundo um cenário catastrófico de fumaça e escombros. Em primeiro plano vemos o que seriam as representações da Revolução Francesa em 1848 (com a bandeira numa mão e a arma na outra); a Primavera de Praga em 1968 (representada por um hippie segurando um coquetel molotov e flores), a Queda do Muro de Berlim em 1989 (representando a crise do bloco comunista sob domínio da URSS), e as manifestações pelo mundo em 2013 (inclusive citando os protestos no Brasil) representados por uma mulher branca vestindo *jeans* e com um celular na mão. Percebe-se a espetacularização dos eventos no discurso da revista em que o tom da reportagem que aborda as manifestações foi dado somente pelo tempo das novas tecnologias de comunicação e informação.

Esta abordagem feita pela revista inglesa, que tem em sua postura editorial o liberalismo clássico, é uma das afirmações mais comuns disseminadas pela grande mídia Ocidental: sem as tecnologias indivíduos não teriam se revoltado contra o regime. De um lado há uma imaginação de um Estado “moderno” se formando, onde o domínio do político e da tecnologia deveria ser livre, mas mostra resistências ao modo ditado pelo Ocidente, como projeto hegemônico da modernidade; de outro lado, galerias de “modelos” de Estados Nacionais vindos principalmente dos Estados Unidos e Europa.

Com suas capacidades de ações coletivas em larga escala e extensa rede de colaboradores que compartilharam virtualmente, as redes de comunicações digitais auxiliaram na construção de sentidos complexos, mas comuns aos manifestantes naqueles 18 dias que, por sua vez, captaram fragmentos de suas experiências no trânsito do evento e compartilharam informações ubíquas, ou seja, “(...) presenças simultâneas em muitos pontos do espaço, preserváveis no tempo.”^{XXV} As reações de instituições do Egito e organismos ligados à mídia ocidental e oriental demonstraram que algo está mudando nas configurações do poder e das redes de comunicação que a Internet tornou possível no contemporâneo. Organizaram-se em redes com colaboradores, ativistas e testemunhas à distância, numa “cidadania global e sociedade civil planetária”^{XXVI}, num espaço difuso de onde emergem comunidades transnacionais imaginadas-virtuais.

Das manifestações na Praça Tahrir ao Ciberespaço

FERNANDA OZÓRIO DA CONCEIÇÃO
GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS

As revoltas nos países árabes, de forma geral, adicionaram a interação *online* às experiências e relações sociais já estabelecidas aos momentos críticos dos eventos. Vivemos num espaço híbrido onde o que fazemos é ao mesmo tempo virtual e físico e é tensionado pelas expectativas imaginadas para o futuro. Manifestantes utilizaram-se da facilidade de difusão de informações nas redes sociais digitais, com destaque para *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* – que muitas vezes são pautados pela grande mídia, outras vezes a pautam, e acabam por produzir outros discursos.

A experiência do presente manifesta-se por meio desta linguagem audiovisual. Enquanto a midiografia^{xxvii} mantém produções simbólicas que se fundamentam, geralmente, numa hegemonia política e cultural, o ciberespaço (em vias de regulamentação) proporciona uma forma de liberdade de comunicação, além de facilitar o compartilhamento em torno de ideias e mobilizações por afinidades eletivas formando redes de discursos transnacionais.

Novos suportes de armazenamento permitem novos modos de experiência histórica, e põem radicalmente em questão os critérios anteriores de significância. Ao mesmo tempo, novas formas de comunicação como a internet não permitem decisões politicamente isoladas. A abundância de possibilidades e a diversidade de novas vozes pedem novas estratégias, novas formas e novos conteúdos de participação ou exclusão historicamente fundamentada. Em todo caso, concepções fixas de permanência ou substância individual e identidade coletiva estão sendo superadas pela diversidade da comunicação global em favor de diferenciações mais dinâmicas e abertas. Esse processo provoca então reações, frequentemente expressas através das novas mídias, que obstinadamente insistem em distinções etnocêntricas.^{xxviii}

A imprensa, de forma geral, advogou em favor do “milagre” tecnológico numa tentativa de dar às tecnologias uma autonomia que é própria da população manifestante. A tecnologia não é uma panaceia. No caso do Egito, era um meio para ventilar a indignação resultante de anos de repressão, a instabilidade econômica e a frustração individual com o governo. Uma grande parte da população do Egito revoltou-se contra um regime opressivo e souberam se relacionar com as tecnologias com suas capacidades discursivas gerando novas imagens com auto representações do que imaginaram como “nação”.

Nesse sentido, o site colaborativo é um novo suporte para narrar a experiência histórica dolevante produzido por sujeitos comuns que captaram e selecionaram coletivamente as imagens da praça a serem divulgadas no ciberespaço. Eles vislumbraram um território flutuante, descentralizado e compartilhado, atendendo aos interesses da construção de uma identidade coletiva virtual a partir das revoltas e desvelaram a polifonia no Egito. *18daysinEgypt*, coloca em questão como a História pode trabalhar com fontes virtuais construídas coletivamente. Um desafio problematizado pelos que narram os acontecimentos, o que escolhem para narrar e como esta narrativa é constituída.

Vemos esta dinâmica na proposta da mensagem final do vídeo convite: “*Você viveu, você gravou, agora vamos escrever a história do nosso país.*” Nestas palavras residem novos horizontes de expectativas permeado por temporalidades, entrelaçando passado e futuro na experiência fluida do tempo presente. Este conceito foi cunhado através do que ReinhardtKoselleck ressaltou sobre a condição humana universal onde “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”.^{xxix}

Mulheres e homens do Egito utilizaram as redessociais virtuais como forma de organização, luta e resistência, enfrentaram diferentes divergências com a política de segurança na Internet na “guerra da informação” em que os Estados Unidos têm maior interesse em seu controle e censura. É, amplamente, uma tensão entre sociedade e Estado na busca por formas alternativas desta sociedade lutar politicamente contra projetos normalizadores de ordem global, “o modo como podemos pensar a política e o político tem ligações com os movimentos e as resistências (...)”.^{xxx} Algumas resistências tornaram-se fragilizadas na “fronteirização”, no sentido de que se tornam lutas locais, regionais e globais ao tratar, por exemplo, de questões de igualdade de gênero ou contra a violência do Estado. São manifestações criativas, com uma série de demandas e reivindicações onde a “heterogeneidade cultural das sociedades alterará os modos pelos quais o político é constituído”.^{xxxi}

^I Mestranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, e bolsista Capes. E-mail: feozorio@gmail.com

^{II} Professora na Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: galssis@gmail.com

^{III} Site colaborativo é uma plataforma virtual que permite a colaboração com conteúdos multimídias por parte do público. Disponível em: <http://beta.18daysinegypt.com>

^{IV} Quem primeiro usou o termo Primavera Árabe? Joshua Keating para a Revista *ForeignPolicy*. Publicado em 04 de novembro 2011. Disponível em: www.unaoc.org/2011/11/yes-mubarak-is-gone-but-now-what/

^V ANDERSON, 2008.

^{VI} RIBEIRO, 2000.

^{VII} ANDERSON, 2008, p. 34.

^{VIII} HARTOG, 2013.

^{IX} RICOEUR, 2007.

^X MAIA, 2008, p. 116/117.

^{XI} RIBEIRO, 2000, p. 493.

^{XII} DIDI-HUBERMAN, 2008.

^{XIII} Idem, p. 118.

^{XIV} BENJAMIN, 1987.

^{XV} Disponível em: <http://beta.18daysinegypt.com/#/team>

^{XVI} Documentarista e jornalista, na Universidade de Stanford desenvolveu ferramentas para o jornalismo colaborativo. Trabalhou como jornalista de vídeo para *The New York Times*. É presidente da Associação de Jornalistas do Sul da Ásia.

^{XVII} Designer de interação e desenvolvedor de software com sede em New York e Cairo. Estudou Ciências da Computação na Universidade Americana no Cairo. Mestre do programa *InteractiveTelecommunications* na Universidade de Nova York.

^{XVIII} Fotógrafa, jornalista e organizadora da comunidade. Co-fundadora de uma organização de artes de mídia na Califórnia chamada *SeventhNative American Generation* (SNAG). Antes de se mudar para o Cairo, era diretora de comunicação da organização sem fins lucrativos *W. Haywood Burns Institute* e *Community Justice Network for Youth*. Escreve para *The New York Times* e *Mother Jones*. Mestre em Jornalismo pela Universidade de Berkeley.

^{XIX} RIBEIRO, 2000.

^{XX} Pela primeira vez na história, os cidadãos estão gravando uma **verdadeira revolução em tempo real**. Desde o levante de 2011, egípcios estão filmando eventos centrais em seus telefones celulares, tirando fotos, enviando mensagens de texto, *Twittando* e usando o *Facebook* na sua luta pela liberdade. ‘18 Dias no Egito’, um projeto de documentário colaborativo tem como objetivo **capturar os eventos da revolução em um site interativo** que todos podem **acessar agora e no futuro**. Está sendo alimentado por *GroupStream*, uma plataforma inovadora para contar histórias colaborativamente, acreditando que as melhores histórias são contadas assim. No *18DaysinEgypt.com* você será capaz de acessar histórias da

revolução de uma forma totalmente nova. (Tradução e grifos da autora) Original no link *About do 18daysinEgyp*. Disponível em: <http://beta.18daysinegypt.com/#/about>

^{XXI} RIBEIRO, 2006, p. 22.

^{XXII} Disponível em: <http://vimeo.com/35368376#>

^{XXIII} SANTAELLA, 2006, p. 187.

^{XXIV} Revista *The Economist*, 29 de Junho/2013: The march of protest. Disponível em:

www.economist.com/news/leaders/21580143-wave-anger-sweeping-cities-world-politicians-beware-march-protest Acesso em 29/06/2013.

^{XXV} SANTAELLA, 2006, p. 200.

^{XXVI} RIBEIRO, 2000, p. 465.

^{XXVII} O que se considera é que a escrita da mídia tem uma particularidade, uma coerência na narrativa e na simultaneidade dos fatos, que devem ser ponderadas pela História, qual seja, o conhecimento e a consciência por parte do jornalista das ferramentas tecnológicas de persuasão pelas quais o uso da linguagem, verbal e visual, é determinante para o sucesso da recepção almejada, de acordo com Sonia Meneses Silva (2011).

^{XXVIII} RÜSEN, 2009, p. 170.

^{XXIX} KOSELLECK, 2006, p. 307.

^{XXX} SLATER, 2000, p. 504

^{XXXI} Idem, p. 509.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ASSANGE, Julian et al. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo, Boitempo, 2013.

BENJAMIN, Walter. Ensaio obtido em Walter Benjamin. In: **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 29-46.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/Teoria_das_Relacoes_Internacionais_de_Thales_Castro.pdf

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cuandolasimagenestomanposicion**: el ojo de la historia. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MAIA, Rousiley C. M. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. In: Aurora - **Revista de Arte, Mídia e Política**. N. 2/2008, PUC-SP. ISSN 1982-6672. p. 110-134. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/issue/view/444/showToc> Acesso em: 06/04/13.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Política Ciber cultural – ativismo político à distância na comunidade transnacional imaginada-virtual. In: **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina e ESCOBAR, Arturo (orgs.), Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2000. p. 465-502

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp, 2007. p.423-462.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. In: **História da Historiografia**. Número 02, Março, 2009. p. 163-209.

SANTAELLA, Lucia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. In: ARAUJO, Denise Correa (Org.). **Imagem (Ir)Realidade**: comunicação e cibernídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SLATER, David. Repensando as espacialidades dos movimentos sociais: Questões de fronteira, cultura e política em tempos globais. In: **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. (org). Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 503-528.

KOSELLECK, Reinhart. "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas. In: **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.